

PRIMEIRA LINHA DOIS ANOS DE PANDEMIA

Marilene Alves



Com a pandemia, não só as máscaras vieram para ficar. Dificuldades das empresas, subida da dívida e desigualdades entre os legados da covid-19 em Portugal.

Pandemia está perto do fim, mas deixa legado

Com o fim próximo da pandemia, a economia ainda não voltou ao pré-covid e terá de lidar com um pesado legado. As dificuldades das empresas, a subida da dívida e o aumento da pobreza, economistas alertam para problemas deixados e pedem recuperação inclusiva.

SUSANA PAULA
susanapaula@negocios.pt

A pandemia parece estar a chegar ao fim, com a redução ao mínimo das restrições para travar a propagação da covid-19, mas alguns dos seus impactos na economia portuguesa parecem estar para ficar.

Quase dois anos depois do pri-

meiro caso de covid-19 em Portugal, a economia ainda não recuperou tudo o que perdeu. Segundo o INE, no quarto trimestre de 2021, o PIB ainda estava cerca de 1,1 mil milhões de euros abaixo (1,6%) do quarto trimestre de 2019. A expectativa é que a economia recupere o nível pré-pandemia este ano, depois de isso ter acontecido ao longo do ano passado na Zona Euro.

A atrasar a recuperação está o peso do turismo na economia portuguesa. Segundo o INE, o setor fechou 2021 com um número de dormidas a pouco mais de metade dos níveis de 2019. A Confede-

ração do Turismo aponta para o regresso ao pré-covid em 2023.

Ainda assim, o impacto da covid-19 na economia portuguesa acabou por não ser tão negativo como se esperava, diz o economista Luís Aguiar-Conraria. "Não só as consequências não foram tão graves, mas as políticas foram boas - parece-me mais provável - a evitar o desastre", afirma o professor da Universidade do Minho.

O lay-off simplificado pode ter atenuado a destruição de emprego - e os dados do INE mostram que tanto os postos de trabalho como a taxa de desemprego estão

já hoje melhor do que no final de 2019. No entanto, João Cerejeira, professor na Universidade do Minho, admite que o aumento do desemprego de longa duração, pela destruição de emprego menos qualificado, possa permanecer. Esta é uma questão que "leva tempo" a corrigir e, por isso, João Cerejeira defende mais despesa em políticas ativas de emprego.

Por outro lado, para responder à crise económica, o Governo apostou mais num modelo de moratórias do que em ajudas diretas, que "resolvem o problema de liquidez mas não o de solvabilidade", diz ao Negócios Pedro Brin-

ca. Embora as empresas estejam hoje numa situação mais frágil, pelos reembolsos exigidos, sem um aumento dos números do desemprego, das insolvências e do malparado, "a aposta do Governo terá sido bem-sucedida", considera o economista da Nova SBE.

O problema pode estar no aumento da inflação na Zona Euro - que se pode tornar um legado doloroso da pandemia. Embora os preços não tenham subido tanto em Portugal como nos países da moeda única, a resposta do Banco Central Europeu (BCE) será para

a totalidade dos países do euro. “Aí podemos levar com o martelo da subida das taxas de juro”, diz Pedro Brinca. “Se a ameaça se concretizar e as taxas de juro subirem, é um risco para as empresas”, acrescenta Aguiar-Comraria.

Por outro lado, os apoios dados durante a pandemia fizeram disparar a dívida pública – “um legado que ficará durante vários anos”, conforme assumiu o próprio ministro das Finanças. Embora tenha começado a diminuir no ano passado, a pandemia somou cerca de 25 mil milhões de euros à dívida pública.

A somar a uma dívida pública elevada, riscos de inflação alta persistente e retirada dos estímulos do BCE, Pedro Brinca admite que terá de haver consolidação orçamental “no curto a médio prazo”. Isto ao mesmo tempo que a pandemia vai exigir ao Serviço Nacional de Saúde “recursos, materiais e físicos”, para recuperar atrasos e a confiança das pessoas em irem às unidades de saúde, defende Pedro Pita Barros. Para o professor da Nova SBE, essa será a forma de combater os problemas de saúde da população (pela falta de resposta durante a pandemia) e a exaustão dos profissionais de saúde.

Pela positiva, a pandemia trouxe uma aceleração da digitalização, com possíveis ganhos na produtividade e na conciliação entre a vida profissional e familiar, admitem os economistas.

Crise foi assimétrica

Do ponto de vista social, Carlos Farinha Rodrigues diz que “a crise teve efeitos profundamente assimétricos”, ao atingir “de forma dura alguns setores da população e com efeitos muito ténues noutros”. O professor do ISEG lembra que, apesar da queda muito pronunciada do PIB, o rendimento médio das famílias subiu 3,3%. Os rendimentos mais altos (no percentil 90) subiram 3,6%, enquanto os mais baixos (no percentil 10) desceram 6,7%. “O legado que esta pandemia nos deixou foi o do agravamento de desigualdades, acompanhado por um agravamento da pobreza”, diz.

Será um problema conjuntural? Para o especialista, dependerá da “vontade política” em garantir que as políticas públicas asseguram “uma recuperação inclusiva, que não acentue as desigualdades” e que evitem algumas insuficiências do passado na proteção social. ■

AS MARCAS DA COVID-19

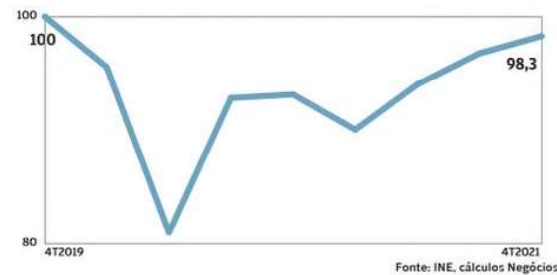
A pandemia está a entrar no terceiro ano e o legado é profundo

Dois anos depois de a covid-19 ter sido declarada pandemia pela Organização Mundial da Saúde, a 11 de março de 2020, as marcas são profundas em várias áreas. A economia ainda está abaixo dos níveis pré-pandemia, o turismo teima em não recuperar e o teletrabalho generalizou-se nas atividades que o permitem.

A LENTA RECUPERAÇÃO DA ECONOMIA

Evolução do PIB, índice 100=2019

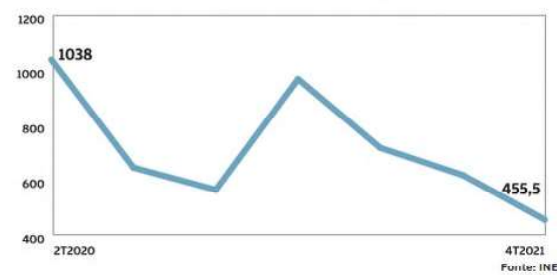
A contração da economia logo a seguir ao início da pandemia foi histórica. No final de 2020, a queda do PIB foi a maior de que há registro na série do INE iniciada em 1996. Ainda está abaixo do pré-covid.



TELETRABALHO SUBIU COM CONFINAMENTOS

Número de pessoas a trabalhar sobretudo em casa, em milhares

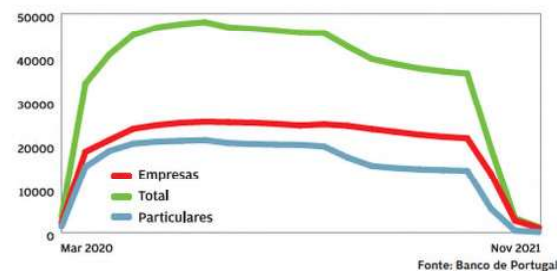
Os dados do INE mostram que nos dois confinamentos (no início da pandemia e no início de 2021) o número de pessoas a trabalhar maioritariamente de casa disparou, ultrapassando um milhão. Número reduziu-se a metade, mas continua ainda significativo.



MAIS DE MIL MILHÕES EM MORATÓRIAS

Evolução das moratórias de crédito, em milhões de euros

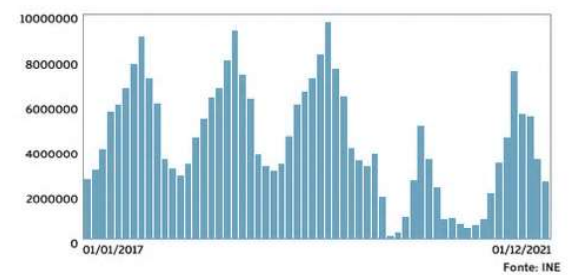
As moratórias terminaram no final de 2021 e 1,2 mil milhões de euros estavam ainda abrangidos por esta medida. O crédito em moratória atingiu o pico de 48,1 mil milhões de euros em setembro de 2020.



TURISTAS AINDA NÃO REGRESSARAM

Número de dormidas nos estabelecimentos de alojamentos turísticos

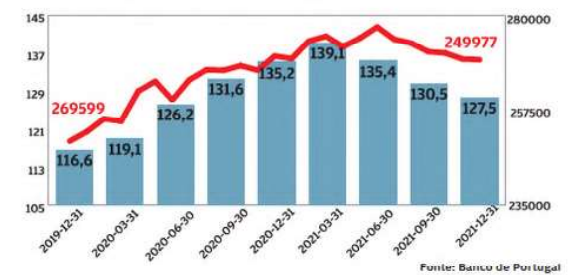
Os níveis da atividade turística ainda estão longe do pré-pandemia. Ao longo de 2021, os turistas começaram a regressar, mas não num volume que se aproxime dos melhores momentos de 2018 e 2019.



PANDEMIA SOMA 25 MIL MILHÕES À DÍVIDA

Evolução da dívida pública, em milhões de euros e em % do PIB

Embora tenha começado a descer em meados do ano passado, a dívida pública na ótica de Maastricht atingiu valores perto dos 140% do PIB, estando agora nos 127,5%. Entre o final de 2019 e o final de 2021, a dívida pública engordou cerca de 25 mil milhões de euros.



INFLAÇÃO A SUBIR

Evolução mensal do índice de Preços no Consumidor (IPC)

No início de 2019, o IPC estava negativo. No entanto, depois de várias oscilações, os preços têm vindo a subir todos os meses desde janeiro de 2021, atingindo um pico nos 3,34% já em janeiro deste ano.

